

Jornalismo Audiovisual em tempos de pandemia: como o TJ UFRJ sobreviveu ao isolamento social¹

Carine Felkl Prevedello²
Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Os princípios definidores do *newsmaking* no jornalismo audiovisual impõem critérios clássicos, que acabaram pressionados e transformados durante a pandemia pela Covid-19. Nas rotinas produtivas do projeto de extensão TJ UFRJ, da Escola de Comunicação da UFRJ, a suspensão das atividades presenciais nas universidades representou a necessidade de desenvolvimento de uma estratégia. Entre março e setembro de 2020, as técnicas de produção remota adotadas pelo TJ possibilitaram a veiculação de 86 vídeos, em diferentes formatos, sendo parte deste conteúdo associado a uma cobertura jornalística e dois ciclos de palestras online. O artigo descreve a reorganização das rotinas produtivas do projeto, a partir do resgate dos diálogos por mensagens e da quantificação e categorização do conteúdo veiculado.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo audiovisual; telejornalismo; *newsmaking*; rotinas produtivas; pandemia.

Introdução – Pandemia e Jornalismo

As proporções com que uma pandemia da dimensão da Covid-19 atinge os diversos setores sociais, econômicos e laborais impõem um cenário de profunda reformulação de pilares clássicos onde estavam assentadas as atividades do cotidiano e do trabalho. Para o exercício do Jornalismo, a força determinante das condições incidentes nas rotinas produtivas relacionadas ao processo de construção das notícias é uma matriz em desestruturação visível diante dos impactos da pandemia.

Tanto no aspecto organizacional da estrutura das redações, quanto nos requisitos operacionais elementares para a produção de notícias, considerando ainda – e essencialmente – a predominância dos conglomerados transnacionais de distribuição e circulação da informação, foram inúmeras as transformações desde as primeiras determinações de políticas públicas necessárias à prevenção da propagação do vírus. A

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora da Escola de Comunicação (ECO) da UFRJ. email: carine.prevedello@eco.ufrj.br

partir dos casos verificados inicialmente na China, e a seguir nos países da Europa, com o avanço gradativo da proibição de circulação nos espaços públicos, a prática da atividade jornalística, essencial para a orientação da população, precisou adaptar-se a uma série de restrições. No Brasil, o tratamento aplicado pelo governo federal aos dados oficiais exigiu a formação de um consórcio de imprensa para atualização das informações, acrescentando novas dificuldades ao exercício do Jornalismo, em meio à guerra internacional dos interesses geopolíticos e ao avanço da desinformação.

No momento em que este artigo é finalizado no Brasil, em setembro de 2020, os repórteres das maiores redes de televisão do país gravam seus boletins de telejornalismo usando máscaras de proteção. Também os correspondentes internacionais adotaram a medida, e os comentaristas, especialmente os que integram o grupo de risco (acima dos 60 anos) realizam suas participações de casa, em transmissão pela internet. As entrevistas, em que são consultados experts, fontes oficiais e oficiosas, testemunhas e personagens, são feitas remotamente, em uma gravação, ou transmissão ao vivo, que não exige o deslocamento da equipe de filmagem a locais externos, mas sim a mediação por algum dispositivo tecnológico de conversação.

Conforme observa Wolf (1994, p.161), as rotinas de produção no Jornalismo dizem respeito à “organização do trabalho dentro da qual se efetua a construção das mensagens”. A abordagem funcionalista dos estudos de *newsmaking* relaciona as condições dos processos de apuração, edição, hierarquização e a divisão do trabalho nas redações como determinantes para os critérios de noticiabilidade (TRAQUINA, 2005), em um entendimento sociológico da construção da realidade pela notícia (ALSINA, 2009). Ainda que, durante a pandemia, todos os formatos de produção de notícia tenham sido afetados, ressaltando-se a dimensão multiplataforma indissociável dos conteúdos jornalísticos, evidentemente o telejornalismo encontra-se em uma seara ainda mais delicada. Por necessitar da realização da imagem para existir, o audiovisual precisou encontrar formas de adaptar suas condições de produção à obrigação do isolamento social, distanciamento e ausência nos espaços públicos, elementos diretamente relacionados à capacidade de produzir imagens e reportar os fatos. Se esta é uma questão exigente para uma empresa representante da mídia corporativa, com sofisticada capacidade técnica e de recursos humanos, para os casos de coletivos de jornalistas, projetos de interesse social, científico e acadêmico sem fins lucrativos, a situação torna-se ainda mais difícil.

Em oposição às limitações, uma das contradições do momento atual é a disponibilidade, ainda que associada a uma série de interesses e atravessamento geoeconômicos e políticos, dos canais globais de distribuição de conteúdo por meio das redes sociais. Trata-se de um debate complexo, que envolve avaliações como as projetadas por Castells (2000) e Lévy (1993), que entendiam a possibilidade de interconexão mundial a partir da sociedade em rede, com perspectivas de compartilhamento e democratização da produção e circulação de informações. Este fenômeno, entretanto, aprofunda-se marcado por assimetrias, ainda que precisemos reconhecer a ampliação do acesso de públicos diversos a uma estrutura qualificada de distribuição de conteúdo. Lopes (2006) observa que, quando tratou disso, Castells (Ibidem) minimizou as desigualdades culturais e econômicas, evidentes na comparação entre as condições de produção dos veículos de mídia comercial e dos canais de propriedade pública e/ou manutenção coletiva e acadêmica.

Esta é uma questão de abrangência central no contexto que envolve pandemia, trabalho e ensino, por separar, também, a realidade europeia da brasileira, especialmente no caso dos sistemas de Educação. Enquanto em países como Itália, Espanha, França, Portugal e Suécia, as escolas e universidades puderam implantar diferentes propostas de ensino remoto, dado o repertório já construído e o acesso majoritário dos alunos à estrutura tecnológica,³ no Brasil as universidades públicas e a Educação Básica e Fundamental abdicaram, em sua maioria, dessa modalidade, durante a maior parte do ano letivo de 2020, pela impossibilidade de assegurar de forma democrática e plural o direito à Educação, garantindo as normas de segurança sanitária necessárias. Na UFRJ, a adoção, a partir de agosto de 2020, de atividades não obrigatórias de graduação online, foi acompanhada de um programa de Auxílio Digital para acesso a equipamentos e plano de internet.

A conjunção, portanto, da pandemia pela Covid-19, a suspensão de aulas nas universidades e as transformações nas rotinas jornalísticas delinearão um contexto de revisão e adaptação das atividades de ensino e produção de jornalismo audiovisual. Desde já, cabe esclarecer esta terminologia de conceito, a partir da ampliação da noção de telejornalismo – adotada por uma série de autores (MACHADO, 2005; VIZEU, 2002)

³ De acordo com dados do CGI BRASIL (2020) e da ONU (2020), o acesso à internet nos domicílios brasileiros está em torno de 71%, sendo mais de 90% por meio de aparelhos celulares, enquanto na Europa vai de 86% a quase 90% com banda larga domiciliar.

em associação ao telejornal como gênero jornalístico – e também da designação do jornalismo “em telas” (EMERIM, 2018), como adaptação ao ambiente digital e móvel – para a atualização pelo conceito de Jornalismo Audiovisual (BECKER, 2012).

Como resultado da trajetória de pesquisa em torno do projeto de extensão Jornalismo Audiovisual no Telejornal UFRJ (TJ UFRJ), aqui relatado, o conceito foi construído por meio da atuação da professora Beatriz Becker à frente da coordenação do TJ. Iniciado há 19 anos, quando apareciam as primeiras experiências de *webjornalismo* e de adaptação do telejornalismo à linguagem multimídia, o projeto surgiu com o propósito de experimentação em torno de novas linguagens e formatos de conteúdo informativo audiovisual.

As narrativas jornalísticas audiovisuais, tanto na TV, quanto na internet são aqui nomeadas práticas de jornalismo audiovisual porque, ao identificar transformações nas narrativas dos telejornais e apontar características discursivas do webjornalismo audiovisual, observa-se que essas distintas narrativas têm sofrido influências mútuas e passam por um processo de hibridização mediadas pelas tecnologias digitais. (BECKER, 2012, p.17)

Ainda que, a partir da própria práxis e discussão conceitual do projeto, defendasse a pertinência e relevância da proposta de Becker (*Ibidem*), ambos os conceitos (jornalismo audiovisual e telejornalismo) serão adotados neste trabalho, reconhecidos como proposições adequadas e amplamente aceitas no debate científico acerca da teoria e prática do Jornalismo.

TJ UFRJ – As rotinas produtivas

A suspensão das atividades presenciais nas universidades federais brasileiras durante a pandemia do novo coronavírus⁴, atinge de forma direta as ações do projeto de extensão Jornalismo Audiovisual no TJ UFRJ, vinculado à Escola de Comunicação (ECO). Após a determinação do isolamento social, em que tanto professores quanto técnicos e alunos deveriam permanecer restritos aos espaços domésticos, o núcleo de estudantes integrantes do projeto iniciou debates, por grupos de conversação no aplicativo *whatsapp*, junto à coordenação docente, para avaliar as alternativas técnicas e de rotinas que viabilizassem a manutenção da produção de conteúdo audiovisual.

⁴ Na UFRJ, as atividades presenciais de Ensino e Extensão foram suspensas, por determinação do GT Multidisciplinar de combate ao novo coronavírus, a partir de 16 de março, ratificadas por tempo indeterminado a partir de 30 de março. As ações de Extensão foram autorizadas a serem mantidas de forma remota. Em 28 de agosto, iniciaram as aulas remotas nos cursos de graduação da UFRJ, entretanto, sem obrigatoriedade de matrícula ou presença dos alunos.

Ainda que, neste momento inicial, no mês de março de 2020, fossem incipientes as referências objetivas de mudanças no processo de produção de notícias nas redes profissionais de mídia, as condições discutidas e viabilizadas pelo grupo foram análogas às transformações simultaneamente operadas, na sequência da pandemia, pelos canais corporativos de televisão. É esta nova rotina e os resultados quantitativos obtidos durante o período do isolamento social que serão apresentados neste artigo. A descrição discorre sobre a matriz de produção remota adotada pela equipe do TJ UFRJ, para a seguir quantificar e categorizar os 86 vídeos (Tabela 1) produzidos para os três canais mantidos na internet (Facebook, Instagram e YouTube) pelo projeto.

Desde o dia 13 de março, quando foi determinada a suspensão das atividades presenciais, o grupo, que contava com 32 estudantes de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Rádio e TV naquele período, iniciou o debate para possibilitar um sistema de produção remoto. Em situação de atividades regulares na UFRJ, o projeto realizava reunião de pauta semanal, utilizava equipamentos próprios (câmera, microfone, tripé), editava nas ilhas disponíveis na Central de Produção Multimídia (CPM) da ECO e movimentava-se (logística de transporte) com recursos financeiros coletivos e particulares, arrecadados por ações de manutenção do projeto, como venda de camisetas, e por investimento próprio e apoio dos alunos, professora coordenadora e eventualmente de núcleos interessados e envolvidos nas coberturas jornalísticas.

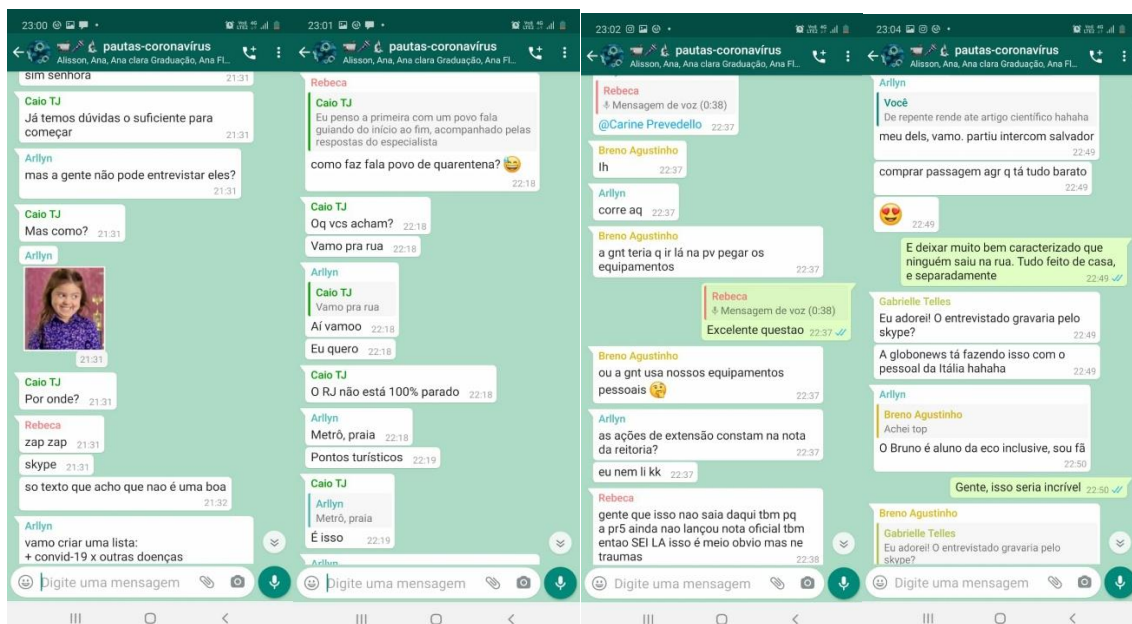
As rotinas produtivas do TJ, em situação presencial, envolviam as etapas comumente verificadas em redações de televisão: reunião e elaboração de pauta, apuração de informações, produção de entrevistas e captação de imagens, edição de roteiro e texto e posterior montagem em ilha de edição. O fato de utilizar os canais das redes sociais como repositório e meio de circulação e distribuição de notícias apresenta um diferencial em relação ao formato clássico de telejornal, o que colabora para a inovação na forma de apresentação dos conteúdos de jornalismo audiovisual. Como não há um programa organizado de forma linear, com a hierarquização das pautas e exibição conjunta, os vídeos são publicados conforme os critérios de atualidade e viabilidade de produção, em produções isoladas. A escalada constituía-se de um vídeo apresentado no início da semana, com a estratégia de *teaser*, para anunciar as matérias dos próximos dias, enquanto as “cabeças”, “pés, vinhetas de abertura do programa são substituídas pelas aparições do repórter nas próprias matérias (em boletins ou passagens), ou ainda são contempladas nos textos de legenda para apresentação nas redes sociais.

Aquilo que Machado (1997) refere como alterações dos ritmos e formatos característicos da televisão como suporte, decorrentes do surgimento das inovações da estética do videoclipe e da segmentação dos canais por assinatura, adquire um impacto ainda mais decisivo, para os conteúdos informativos audiovisuais, com a popularização das redes sociais. Apesar de carregar na própria nomenclatura o termo “telejornal”, o TJ UFRJ, desde o seu surgimento, em 2001, adaptado ao início da linguagem da internet, trabalha com a produção de vídeos de forma fragmentada e independente, de modo a mobilizar um ritmo de veiculação constante e propiciar a referência e fechamento de uma temática em uma reportagem, matéria, entrevista ou nota coberta, ainda que este vídeo possa constituir uma sequência de conteúdos relacionados ou complementares.

“Dentro dessa macroestrutura de colagens, cada fragmento tem relativa autonomia, permitindo que, tal como nas narrativas literárias contemporâneas (...), o ato de fruição possa começar em qualquer ponto e se interromper a qualquer momento, sem que isso afete fundamentalmente a percepção do todo.” (MACHADO, 1997, p.110)

A partir, portanto, da determinação de isolamento social, as discussões nos grupos de *whatsapp* do projeto definiram a formação de um grupo específico para a produção durante a pandemia, visto que nem todos os alunos mostravam-se dispostos e em condições de contribuir para a produção remota.

Ilustração 1 – Diálogos para definição de rotinas produtivas - Março/ 2020



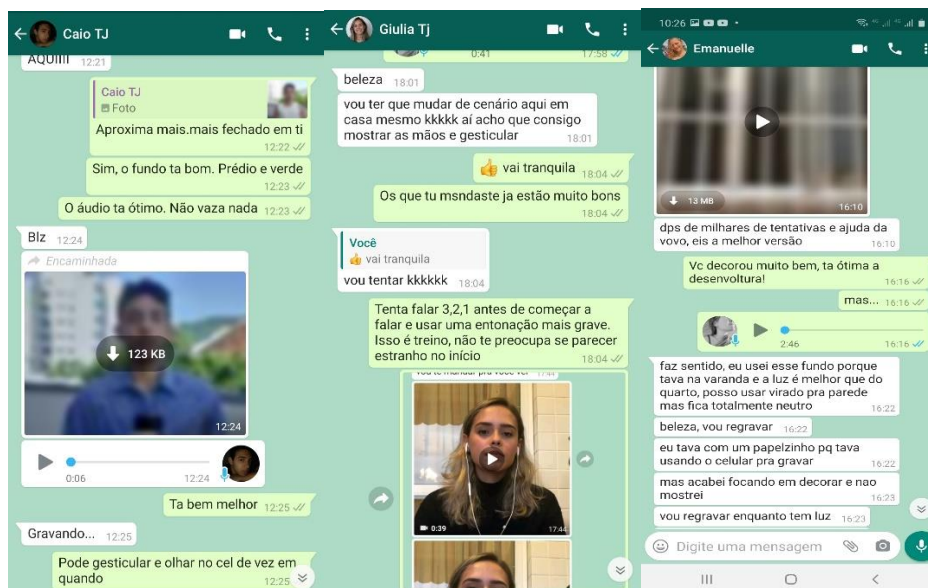
Dos 32 estudantes, inicialmente 24 integraram o novo grupo, embora, até o mês de julho, com a oficialização das atividades de Extensão, todos passassem a produzir de

acordo com as novas rotinas. Em um primeiro momento, até mesmo a iniciativa independente dos alunos de buscarem os equipamentos (câmera, tripé e microfone) nas dependências da ECO, assim como a utilização das ilhas de edição da Escola, foram sugeridas, mas imediatamente descartadas. Por tratar-se de contrariedade à determinação institucional, essa atitude implicaria responsabilidade da coordenação do projeto sobre o risco e irregularidade das atividades empreendidas pelos estudantes.

A etapa seguinte foi a conclusão de que a equipe só poderia dispor da estrutura de cada aluno em sua própria residência, sendo basicamente utilizado o celular próprio e fones para gravação, as redes de internet domésticas para transmissão de materiais e computadores pessoais com programa adequado para edição. Somente dois alunos tinham estrutura e domínio suficientes para atuarem como ilha de edição dos materiais. No restante da equipe, ficariam todos condicionados à característica técnica dos equipamentos próprios, o que fez com que alguns não aderissem à etapa de gravação de boletim e *stand-up*, pelas limitações de captação de imagem e som dos celulares.

As reuniões de pauta começaram a ser realizadas semanalmente, em chamada de vídeo pelos aplicativos *Zoom* e *Google Meet*. As pautas definidas eram direcionadas para grupos menores de produção, que ficavam responsáveis pela produção a distância (por telefone, mensagens e email), elaboração de roteiro e texto, captação de entrevistas e gravação de boletins e offs. A revisão de roteiro e texto, assim como as orientações de enquadramento, entonação e estilo, passaram a ser feitos em diálogo no *whatsapp*.

Ilustração 2 - Diálogos de orientação dos boletins – Março/Abril 2020



Uma das principais dificuldades no período inicial foi obter as sonoras (entrevistas) das fontes necessárias, gravadas em vídeo. Os convidados hesitavam pela falta de habilidade para realizar a gravação, e algumas das fontes ligadas à própria UFRJ pela excessiva demanda de solicitações da imprensa. Uma das alternativas foi receber as entrevistas em áudio e identificar a fonte com uma máscara de arte digital em tela. O uso adaptado, nos conteúdos em vídeo, das sonoras apenas com áudio obtido por *whatsapp*, configura-se em uma alternativa de produção resultante do contexto de “eventos extremos”, que, conforme ressalta Amaral (2020), não só impõem como exigem a revisão de regras de linguagem e técnicas de cobertura jornalística que pareciam intransponíveis. “Temos como marca também uma cobertura que não é realizada nas ruas ou nas redações, mas desde a casa dos apresentadores e jornalistas, o que instaura um novo padrão estético e de performance dos profissionais” (Ibidem, 2020, *online*).

Apesar das limitações e dificuldades, somente nos 15 primeiros dias de isolamento social foram produzidas quatro (04) matérias com captação de sonora, gravação de off, passagem e uso de dados em tela. Um dos recursos que se mostrou especialmente pertinente para o contexto foi a gravação de *stand-ups*, boletins apenas com a aparição do repórter em vídeo, para a veiculação de informações de interesse mais imediato e urgente, assim como os clipes, vídeos com estética e linearidade livre, que utilizaram imagens de arquivo para referir eventos e datas significativas, como as iniciativas da UFRJ no primeiro mês de pandemia e a alusão ao Dia do Jornalista, em 07 de abril.

Ilustração 3 -Feed Facebook e Instagram TJ UFRJ - Março/ Abril 2020

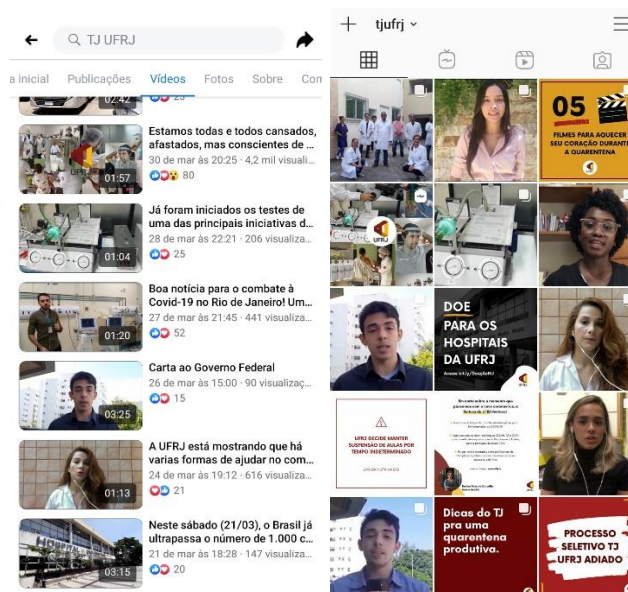


Tabela 1 – Vídeos produzidos pelo TJ UFRJ durante a pandemia

2020	Stand-up	Matéria	Entrevista	Clipe	Nota coberta	Live	Total
Março	01	04		01	02		08
Abril	01	07	02	01			11
Maiο	02	03	04				09
Junho	02	01	02		02		07
Julho	02	19	05	02	01	06	35
Agosto				01		03	04
Setembro	01	07		02	02		12
							86

FONTE: Facebook, Youtube e Instagram do TJ UFRJ (@tjufRJ).

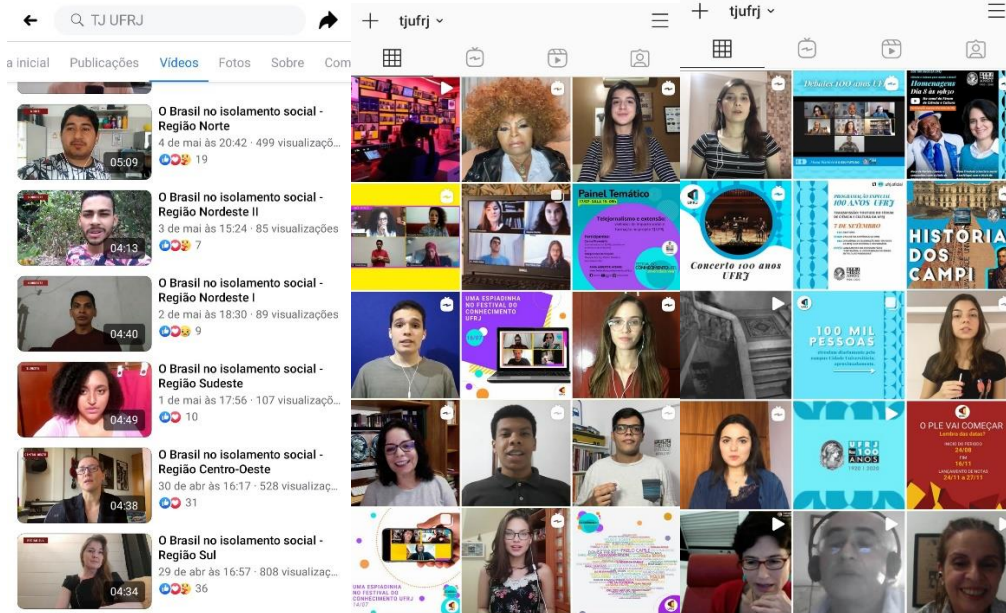
A mobilização e a organização da equipe em torno da produção verificaram-se especialmente significativas diante de duas ocasiões: nos dois primeiros meses de produção remota, quando vários grupos assumiram pautas com necessidade de apuração e produção complexas; e durante a realização de coberturas especiais, dirigidas a temáticas ou eventos paralelos. A série “O Brasil no isolamento”, produzida entre maio e junho, mês em que a apuração e edição de matérias encontrava-se em declínio, possibilitou retratar em seis episódios as diferentes situações de isolamento social verificadas no momento de enfraquecimento das medidas restritivas de circulação em todo o Brasil, com depoimentos colhidos nas 27 unidades da federação.

Da mesma forma, no mês de julho a realização da cobertura do Festival do Conhecimento da UFRJ – um evento totalmente online, com centenas de debates, oficinas e palestras realizadas virtualmente durante dez dias –, resultou na organização de uma estrutura de cobertura jornalística altamente diversificada. Foram pelo menos 40 estudantes envolvidos em grupos de produção montados para cada um dos dias do festival, com distribuição de tarefas de apuração, produção, edição e manutenção das redes sociais em três turnos, para quatro canais (Youtube, Facebook, Instagram e a reativação do Twitter). E, por fim, a programação de comemoração dos 100 anos da UFRJ, também adaptada para transmissões na internet, em função da pandemia, envolveu uma nova cobertura de mobilização coletiva, ainda que em um período mais exíguo de tempo (3 dias), com conteúdos que se mantiveram atuais e pertinentes durante todo o mês de setembro.

Na ilustração a seguir (Ilustração 4), os retratos dos Feeds (linhas do tempo) dos canais do Facebook, com o registro da série sobre o isolamento, e do Instagram, com as capas de conteúdos relacionados ao Festival e aos 100 anos da UFRJ. Para cada um destes

temas, a equipe de estudantes de Publicidade e Propaganda envolvidos na administração das redes do TJ na internet desenvolveram uma identidade visual própria, de acordo com a característica de cada canal.

Ilustração 4 – Feed Facebook e Instagram @tjufjr na série “O Brasil no isolamento” e nas coberturas do Festival do Conhecimento e 100 anos UFRJ – Maio, Julho e Setembro/ 2020



É interessante observar que, conforme apresenta a Tabela II (abaixo) a cobertura realizada para o Festival do Conhecimento representa isoladamente o maior contingente de conteúdos associados entre todas as produções realizadas durante a pandemia. O que demonstra que o engajamento em uma responsabilidade coletiva, característica essencial das práticas de telejornalismo, conjugada à legitimidade institucional do evento, colaboram para a regularidade de produção e a repercussão dos conteúdos.

Tabela II – Vídeos associados a eventos e coberturas especiais

	O Brasil no Isolamento	Festival do Conhecimento	Lives Ciclo de Palestras TJ II	100 anos da UFRJ	Lives Seleção TJ
Stand-up				01	
Matéria		15		07	
Entrevista	06	05			
Clipe		02		02	
Nota coberta		04			
Live			03		06
Total	06	26	03	10	06

FONTE: Facebook, Youtube e Instagram do TJ UFRJ (@tjufjr).

A partir dos dados apresentados, é possível, portanto, concluir que a manutenção das atividades de jornalismo audiovisual desenvolvidas pelo projeto TJ UFRJ foi

viabilizada pela definição de uma matriz de produção baseada em rotinas que, assim como o *ethos* da atividade jornalística em redação, incorporam-se à práxis cotidiana, pela internalização e fortalecimento cotidianos das técnicas, condições e constrangimentos a que está submetido o telejornalismo, mesmo em um contexto de revisão dos conceitos e premissas consolidadas. E, adicionalmente, que a regularidade de produção, diante da dificuldade de manter ações de captação de imagens, está associada à permanência de uma agenda institucional consistente na instituição a que o projeto está vinculado (UFRJ), e para a qual foi direcionada a definição dos critérios de noticiabilidade do TJ UFRJ no período da pandemia. A dimensão conceitual, na qual está envolvida a questão ética e as negociações editoriais para definição de pautas e angulações dos temas abordados, necessitam de uma abordagem complementar, iniciada em publicação recente (PREVEDELLO, 2020).

Considerações conclusivas

O contexto de pandemia e a consequente suspensão das atividades presenciais nas universidades brasileiras configuram um momento histórico de significado permanente para as gerações que compartilham deste acontecimento. Para a prática e o ensino do telejornalismo, são impactos e alterações paradigmáticos, que apresentam transformações na estética predominante dos modos de fazer, e acentuam tendências verificadas desde o surgimento da internet, e da recente popularização das redes sociais como canais de produção e distribuição de informação.

Para a experiência do TJ UFRJ, a instituição de rotinas que viabilizaram a produção remota durante o isolamento social mostrou-se não apenas eficiente em termos de condições técnicas diante do quadro de limitações, mas especialmente importante para a motivação e a manutenção de atividade pedagógica e intelectual para os segmentos envolvidos. O número de estudantes que buscaram a inserção no projeto, no processo seletivo realizado durante o período de isolamento (109 alunos participaram das etapas de avaliação de novos integrantes), e o resultado quantitativo de produções em vídeo realizadas, superior a todas as médias dos meses anteriores, são indicativos destas conclusões.

A retomada de coordenação docente no TJ UFRJ, a partir de junho de 2019, com um perfil editorial voltado aos formatos informativos do telejornalismo, já havia determinado uma produção de conteúdo audiovisual superior ao período anterior do

mesmo ano (64 vídeos em 5 meses) e o envolvimento do novo grupo, ainda em 2019, com três grandes coberturas jornalísticas. A primeira foi realizada na própria UFRJ, dirigida às atividades Semana de Integração Acadêmica (SIAC), e as seguintes no Festival de Jornalismo Inovador, Inspirador e Independente, com custos cobertos pela organização do evento, e no Festival Mídia Ninja, inauguração da sede do coletivo em São Paulo, também a partir de custos de deslocamento e hospedagem oferecidos pela organização do evento a um grupo de 10 alunos do TJ UFRJ.

O projeto não possui investimento de bolsas de extensão, devido à ausência de editais que ofereçam este recurso na UFRJ, desde junho de 2019. Ainda assim, depois do processo de seleção realizado durante a pandemia, hoje o TJ conta com uma equipe de 65 estudantes voluntários, sendo parte deste grupo já vinculado a um novo projeto, de produção de vídeos experimentais e documentários. Ou seja, tanto em número de alunos, quanto em quantitativo de produção de vídeos, o TJ UFRJ duplicou sua força durante a pandemia pela Covid-19.

Uma das mais recentes iniciativas assegura a acessibilidade da produção audiovisual do projeto, instituindo a tradução em legenda de texto ou janela de libras nos vídeos. A partir de um convênio com o curso de Letras Libras da UFRJ, cinco estudantes, intérpretes em libras, trabalham na tradução de todo o texto para inserção da acessibilidade nos vídeos produzidos a partir de outubro de 2020. Ao mesmo tempo, o grupo de alunos direcionados para o projeto TJ UFRJ II já se dedica à observação participante no Laboratório de Inovação Cidadã (LABIC), projeto de extensão da ECO voltado à mentoria em Comunicação para coletivos e organizações da sociedade civil dedicados ao empreendedorismo social. A fase de observação servirá de subsídio para o início da produção de vídeos experimentais de divulgação e um documentário.

É importante observar, contudo, que o êxito em engajamento e produção verificados durante o período de isolamento social verificou-se relacionado a duas condições essenciais: os três primeiros meses (março a junho) de ausência de atividades de graduação concomitantes às ações de extensão, o que agregava tempo maior de dedicação aos estudantes, associada à dimensão de atualidade e novidade do fenômeno do isolamento social como, simultaneamente, limitante e potencial para a produção audiovisual.

A necessidade de produzir estratégia alternativa de rotinas de produção e a possibilidade de repercussão e visibilidade imediatamente verificadas nos conteúdos

colaboraram para a motivação do grupo. A realização da cobertura do Festival do Conhecimento da UFRJ, que mobilizou uma estrutura de produção e edição permanente em três turnos durante dez dias, somente foi possível pela inserção de um grupo de 25 novos alunos na equipe, após a realização do processo seletivo, também totalmente em formato remoto. O interesse e envolvimento dos alunos foram mostrando-se gradativamente descendentes com as confirmações e início dos períodos letivos de graduação, a partir de 24 de agosto de 2020, e em seguida confirmado pelos Conselhos superiores para retomada do período de 2020.1 em 30 de novembro.

A matriz de produção remota do TJ UFRJ durante a pandemia de Covid-19 resulta, durante seis meses do ano de 2020, em uma extraordinária experiência de ensino e prática de Jornalismo, em um momento histórico de profundas revisões para o campo do jornalismo audiovisual. As características e desdobramentos dos conteúdos desenvolvidos pelos estudantes ligados ao projeto, sob orientação docente, merece análises detidas subsequentes sobre as consequências do isolamento social para a apuração e captação de informações no processo produtivo do telejornalismo. A manutenção de audiência e de credibilidade para os canais universitários, ainda que não relacionadas aos mesmos compromissos da mídia corporativa, depende também de uma capacidade permanente de envolver os segmentos técnicos e acadêmicos em torno de objetivos e motivações comuns. Em torno da sensação compartilhada de produzir com ética, responsabilidade e repercussão. Um antídoto fundamental em tempos de desinformação.

Referências Bibliográficas

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Trad. de Jacob Pierce. Petrópolis (RJ): Vozes, 2009.

AMARAL, M. Regras absolutas não servem na cobertura de acontecimentos extremos. Entrevista concedida a Dairan Paul e Denise Becker. Abril, 2020. **Portal Objethos** – Observatório da Ética Jornalística. Disponível na internet em: Acesso em 05 abril 2020.

BECKER, Beatriz. Jornalismo audiovisual de qualidade: um conceito em construção. In: BECKER, Beatriz (Org.). **Pensando e fazendo Jornalismo Audiovisual**: a experiência do TJUFRJ. Rio de Janeiro: E-papers, 2012.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CGI BRASIL. **Pesquisa TIC Domicílios 2019** do Comitê Gestor da Internet no Brasil. 26/05/2020. Três em cada quatro brasileiros já utilizam internet, aponta pesquisa TIC Domicílios 2019. Disponível na Internet em: [www.cgi.br/noticia/releases/tres-em-cada-quatro-brasileiros-ja-utilizam-a-internet-aponta-pesquisa-tic-domicilios-2019/] Acesso em 26/05/2020.

EMERIM, Cárlica. Telejornalismo ou jornalismo para telas: a proposta de um campo de estudos. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 113-126, jan. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2017v14n2p113/35883>>. Acesso em: 06 ago. 2020.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. São Paulo: Editora 34, 1993.

LOPES, Ruy Sardinha. **Informação, conhecimento e valor**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade de São Paulo (USP). 2006.

MACHADO, Arlindo. **A arte do vídeo**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

MACHADO, A. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2005.

ONU. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Estudo da ONU revela que mundo tem abismo digital de gênero**. 06/11/2019. Disponível na Internet em: [https://news.un.org/pt/story/2019/11/1693711] Acesso em 10/09/2020.

PREVEDELLO, Carine. Telejornalismo na pandemia: Extensão como processo de ensino e motivação. In: **Educação em suas múltiplas faces e sensibilidades**. Ponta Grossa (PR): Texto&Contexto, 2020.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2005.

VIZEU, A. **Telejornalismo, audiência e ética**. 2002. Disponível em: [<http://www.bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-telejornalismo-audiencia-etica.pdf>] Acesso em 03 ago.2020.

WOLF, M. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1994.